



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA DE BOM DESPACHO**

**Ana Cecília Silva Rosa**

**Bruno Alves de Sousa**

**Geovane Arantes Gonçalves e Silva**

**A ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA NA GESTÃO DE RISCOS E  
DESASTRES**

**BOM DESPACHO**

**2022**

**Ana Cecília Silva Rosa**  
**Bruno Alves de Sousa**  
**Geovane Arantes Gonçalves e Silva**

**A ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA NA GESTÃO DE RISCOS E  
DESASTRES**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro Universitário UNA de Bom  
Despacho, como requisito parcial de pontuação para  
o trabalho de conclusão do curso.

Orientador: Karla Patrícia Paiva Ferreira.

**BOM DESPACHO**

**2022**



## RESUMO

A atuação de profissionais da psicologia na gestão de riscos e desastres é uma discussão recorrente entre a própria classe, e ganhou ainda mais força diante da pandemia de COVID-19. Pensar sobre o auxílio na prevenção e na preparação para o enfrentamento de desastres, visando a mitigação de danos psicológicos nas vítimas, em todas as fases; ajudar na tomada de decisões e na articulação entre os diversos dispositivos da rede; e contribuir para a criação de políticas públicas são funções de suma importância relacionadas ao trabalho do psicólogo em tal contexto. O objetivo desta revisão bibliográfica exploratória é reunir perspectivas de diversos autores acerca do tema, levando em consideração os múltiplos aspectos da problemática, de forma a explicitar a necessidade e os ganhos da atuação do profissional de psicologia, não apenas durante, mas também no pré e no pós-desastre. A intervenção mais amplamente proposta neste artigo é a atuação desses profissionais no pré-desastre, buscando gerir e preparar a comunidade, levando em conta o pressuposto de que uma população informada e preparada terá os conhecimentos necessários para enfrentar o durante e o pós-desastre.

Palavras-chave: Desastres. Gestão de riscos. Profissional psicólogo. Pré-desastre.

## ABSTRACT

The role of psychology professionals in risk and disaster management is a recurring discussion among the class itself, something that has taken even more strength in the face of the COVID-19 pandemic. The mitigation of psychological damage to victims in all its phases, in addition to assisting in decision-making and articulation between the various network devices, contributes to the creation of public policies, something of paramount importance for the psychologist's performance in such a context. The objective of this exploratory bibliographic review was to gather perspectives from several authors on the subject, taking into account the different aspects of the problem to explain the need and the gains of the performance of such a professional, not only, but also in the pre and post-disaster. The intervention most widely proposed in this article is the role of psychology professionals in the pre-disaster, aiming to manage and prepare the community, taking into account the assumption that an informed and prepared population has the necessary knowledge during and after the disaster.

Keywords: Disasters. Risk management. Professional psychologist. Pre-disaster

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO</b> .....	6
<b>METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	9
<b>A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM DESASTRES E EMERGÊNCIAS</b> .....	10
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	17
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	19

## INTRODUÇÃO: TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

O Brasil é um país acometido por muitos desastres, em especial a partir da década de 2000. O impacto ambiental mais comum e com o maior número de mortos, proveniente desses desastres, são as enchentes e as enxurradas (CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE DESASTRES, 2013). Sabe-se que acidentes ligados a deslizamentos e chuvas podem trazer impactos ambientais mais explícitos. Entretanto, o Brasil também enfrenta desastres silenciosos, como a seca, um dos fenômenos que mais causa sofrimento, mortes e diminuição de qualidade de vida no país. “[...] no Brasil situações de extrema vulnerabilidade social são naturalizadas a tal ponto, que deixamos de tratá-las e nomeá-las como desastrosas e emergenciais” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA [CFP], 2021).

Nesse cenário, a psicologia tem um papel importante. Primeiramente, no apoio às vítimas, pois, entre os estragos causados por um desastre, um dos mais evidentes é o dano psicológico nas pessoas envolvidas – antes, durante e depois do acidente. Além disso, a psicologia pode e deve auxiliar na prevenção, na mitigação de danos e na tomada de decisões em relação às ações realizadas num desastre, como a articulação e a criação de políticas públicas (CFP, 2021).

Para uma melhor compreensão do papel da psicologia nesse campo, é importante definir o que se caracteriza como um desastre. A Estratégia Internacional para la Reducción de los Desastres define um desastre como:

[...] uma séria interrupção no funcionamento de uma comunidade ou sociedade causando uma grande quantidade de mortes, bem como perdas e impactos materiais, econômicos e ambientais que excedem a capacidade da comunidade ou sociedade afetada de fazer frente à situação mediante o uso de seus próprios recursos. (UNDRR, 2004).

Algo interessante que se encontra nessa definição é o fato de que um evento só é considerado desastre quando “excede a capacidade da comunidade [...] de fazer frente à situação mediante o uso de seus próprios recursos”. Pode-se deduzir desse conceito duas coisas: 1. A prevenção e a preparação da sociedade para eventuais desastres é uma forma de diminuir seu impacto; 2. A desigualdade social e a existência de parcelas da comunidade que estão menos preparadas para enfrentar um desastre é um assunto pertinente para o tema de gestão de riscos e desastres.

Como exemplificado anteriormente, um desastre é um evento multissetorial, não se tratando apenas de variáveis ambientais, mas também de variáveis sociais e individuais. Segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2001): “Como acontecimentos sociais, desastres entremeiam a dinâmica e a estrutura da sociedade, apresentando dimensões objetivas e subjetivas, tanto na forma como são produzidos como na que são vivenciados.”

Portanto, temas como desigualdade social, percepção de risco e estratégias de prevenção estão profundamente ligados à gestão de emergências e desastres, mas também igualmente relacionados à psicologia.

No período da pandemia de COVID-19, por exemplo, só no Brasil, o Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas da Johns Hopkins University (JHU CSSE) registrou, de março a junho de 2022, mais de 660.000 óbitos pelo vírus (JOHNS HOPKINS UNIVERSITY, 2022). A pandemia trouxe consequências para além das mortes e da superlotação do sistema público de saúde. Provocou também adoecimento psicológico devido ao isolamento social e ao luto em massa. A negligência por parte do Governo Federal em relação ao risco de contaminação do vírus e a promoção de aglomerações, contrariando as indicações da OMS (BENITES, 2020), possivelmente promoveu maior contágio da população, apontando uma falha na gestão da percepção de risco.

Algumas das recomendações propostas pelo Ministério da Saúde incluíam o uso de álcool em gel, a lavagem frequente das mãos e o distanciamento social. Apesar de parecer simples, uma parcela importante da população não tinha a possibilidade de seguir essas recomendações. Poucos puderam trabalhar em home office ou mesmo deixar de ir ao trabalho. Além disso, o acesso ao álcool em gel ficava cada vez mais difícil com os preços abusivos do mercado, e alguns não tinham sequer água potável para lavar as mãos (BARDI, 2020).

É justamente em meio a esses temas que o olhar da psicologia se faz imprescindível. Na construção de políticas públicas para combater a desigualdade social e possibilitar recursos e proteção para o maior número de pessoas possível; participando da promoção de informações preventivas para a população, considerando a diversidade e a desigualdade do Brasil. Como orienta a nota técnica sobre o assunto: “Quando abordamos o tema da Psicologia em contextos de Riscos, Emergências e Desastres, a Psicologia Social assume um lugar estratégico.” (CFP, 2021).

As publicações com o tema da psicologia das emergências e dos desastres, principalmente no que se refere à prática, são ainda muito escassas, e a maioria trata da atuação pós-desastre. Como foi observado, a atuação da psicologia na fase da prevenção é extremamente importante e, portanto, como também reforça Ribeiro, novos estudos e

publicações sobre ações anteriores aos desastres se fazem necessários (RIBEIRO; FREITAS, 2020). Este texto tem como objetivo a compreensão do fazer da psicologia nesse campo de uma forma mais abrangente, levando em conta sua multiplicidade de possibilidades de atuação. Propõe reunir perspectivas de diversos autores a respeito do tema, levando em conta os aspectos sociais e também os subjetivos.

## METODOLOGIA DA PESQUISA

A Pesquisa Bibliográfica Exploratória foi o método escolhido para a realização deste estudo. Buscou-se, dessa forma, a familiarização dos autores com o conhecimento já publicado a respeito da “psicologia dos desastres e das emergências” e a análise das informações existentes, a fim de contribuir para uma melhor compreensão sobre o tema. Como fontes de pesquisa, foram utilizadas a ferramenta Google Academic (<https://scholar.google.com.br/>) e as bases de dados CAPES (<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?>), Scielo (<https://www.scielo.br/>) e Pepsic ([http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_home&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nrm=iso)).

Foram empregadas diversas palavras-chave e termos para a pesquisa nas bases de dados e nos portais, como “psicologia”, “desastre”, “emergência”, etc. Após análise do título e/ou do resumo dos artigos encontrados, a fim de avaliar a relevância para o tema da pesquisa, foram selecionados 15 textos nos idiomas português, inglês e espanhol. Utilizaram-se também como fontes de pesquisa os textos encontrados nas referências desses 15 artigos, a fim de alcançar uma quantidade maior e mais variada de informações. Além disso, foram investigadas bases de dados como o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE), para a obtenção de alguns dados estatísticos.

Ao final da busca, foram utilizadas 22 fontes de pesquisa, que se encontram descritas nas referências deste trabalho. As referências então foram analisadas e classificadas em quatro categorias: Vulnerabilidade Social e Desastres, 4 textos; Atuação da Psicologia num contexto de Desastre, 10 textos; Dimensões simbólicas de um Desastre, 1 texto; Dados Estatísticos, 7 textos e bases de dados. Essas categorias formam os quatro grandes temas abordados por este trabalho.

Por não se tratar de uma pesquisa bibliográfica de natureza sistemática, não utilizando análises de conteúdo, como a de palavras recorrentes, ou análises quantitativas, a pesquisa pode faltar em objetividade nesse sentido. Trata-se de uma reflexão sobre temas e textos já publicados, baseando-se na visão dos autores desta pesquisa sobre a questão, o que possibilita o desenvolvimento de hipóteses em relação aos pontos mais importantes do assunto, indicando possíveis campos para pesquisas futuras.

A pesquisa bibliográfica e a redação do trabalho foram realizadas de janeiro a outubro de 2022.

## A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM DESASTRES E EMERGÊNCIAS

Um desastre, quando ocorre, está sempre relacionado a perdas, sejam elas materiais e financeiras, sejam humanas. Mais do que isso, está também relacionado a perdas simbólicas – de um modo de vida que não existe mais. A perda de uma casa é também a perda de um lar, e a perda de uma vida é também a de um pai, uma mãe, uma pessoa querida. Muitas vezes, na ocorrência de qualquer tipo de desastre, há também a perda da liberdade (como foi visto durante a pandemia de COVID-19), a perda da confiança nas instituições do Estado, a perda da rotina, e de todos os planos futuros feitos por alguém. Como colocado por Já Silva (2013, apud RIBEIRO; FREITAS, 2020) “[...] não é o contexto, mas a percepção particular construída por meio de sua história pessoal, experiências e conflitos, que ditará a forma como cada um viverá uma situação de desastre”.

Como é de se esperar, todas essas perdas causam consequências psicológicas. Algumas dessas consequências, como o luto, a ansiedade, o medo e a sensação de impotência, podem ser consideradas reações emocionais normais para o contexto de desastre. No entanto, se não forem bem elaboradas e vivenciadas, podem se tornar patológicas (RIBEIRO; FREITAS, 2020).

É importante, para a consideração de todas as possíveis consequências e possibilidades de atuação, que se tenha uma definição de desastre ampla e que se leve em conta aspectos psicológicos e sociológicos, assim como físicos e econômicos. Desse modo, Favero, Sarriera e Trindade (2014) propõem uma definição de desastre que aborda diferentes aspectos apontados por vários autores sobre o tema. Para eles, desastre se caracteriza como:

[...] um processo que tem sua origem na interação entre seres humanos e seu contexto social (Britton, 1986), salientando-se que, mais do que um evento agudo, um desastre é a expressão aguda da vulnerabilidade em suas diferentes dimensões (física, social, ambiental, etc.). Os desastres desafiam a capacidade humana de resposta (Quarantelli, 1985), podendo trazer consigo perdas (Fritz, 1961) repentinas e prolongadas no tempo. Eles podem ser cíclicos ou escalonados, de início súbito e com grande potencial traumático (Garcia-Renedo et al., 2007; McFarlane & Norris, 2006); ou ainda, podem se desenvolver de maneira lenta, de modo a expor indivíduos e grupos a prolongados períodos de estresse (Favero, Sarriera, Trindade, & Galli, 2013). (FAVERO *et al.*, 2014, p. 207).

Como se observa nessa definição, um desastre nem sempre acontece repentinamente. A pandemia de coronavírus tornou-se um exemplo de que desastres, muitas vezes, podem ocorrer de forma lenta e dolorida, causando danos ao longo do tempo que, acumulados, configuram-se uma grande catástrofe. O mesmo pode ser observado na seca que acomete as regiões ao norte do país, bem como no crescente aumento no número de transtornos mentais como ansiedade e depressão. A mais recente Pesquisa Nacional de Saúde aponta que os casos de depressão

aumentaram em 34% entre o período de 2013 e 2019 no Brasil (IBGE, 2019). Esses desastres “invisíveis” requerem intervenções de curto, médio e longo prazo, em que a psicologia também tem papel fundamental.

Emergências e desastres naturais com proporções distintas podem causar vários prejuízos à sociedade, de cunho político, econômico, social, relacional e psicológico, gerando danos à saúde mental dos indivíduos. Muitas vezes, a comunidade não consegue se restabelecer psicologicamente e socialmente frente a essas situações. A psicologia vem para ajudar os indivíduos e a sociedade, de acordo com a demanda imposta, que vai desde o pré-desastre até o pós-desastre. O psicólogo pode atuar em um trabalho preventivo, capacitando a comunidade para que consiga perceber os riscos, e também na educação, levando informação e conhecimento, minimizando a insegurança da sociedade (RIBEIRO; FREITAS, 2020).

Esse profissional presta assistência às vítimas com um olhar humanizado; atende e avalia a vulnerabilidade dos indivíduos, auxiliando desde a busca por abrigos até a atualização de técnicas; faz uma escuta ativa e oferece suporte para o coletivo e o individual, visando minimizar o sofrimento das pessoas, em sua organização física e psíquica. Assim, ele faz parte da rede de apoio multiprofissional à sociedade, fortalecendo os serviços de saúde mental acessíveis à comunidade e promovendo a volta do sentimento de pertencimento à comunidade local (RIBEIRO; FREITAS, 2020).

O sentimento de pertencimento à comunidade vem não somente de pessoas e lugares, mas da interação entre eles e da história que eles criam em conjunto. Um estudo realizado por Juliana Sartori *et al* (2014) demonstra a importância das representações simbólicas que permeiam a vivência das pessoas. No ano de 2009, a cidade de São Luiz do Paraitinga sofreu uma inundação que causou danos a diversas construções históricas da cidade, dentre elas a mais significativa, a Igreja Matriz, que foi totalmente derrubada. Além de um patrimônio histórico e cultural, essas estruturas serviam como local para a prática de diversos ritos muito significativos para a organização psíquica dos moradores, como velórios, casamentos, festas e encontros sociais. Esses objetos históricos vão além de memórias individuais, constituem uma rede de significados sociais. Como exemplo, a Igreja Matriz, quando construída, teve instalado em seu topo um relógio, tornando-se rapidamente uma referência para os moradores da cidade na organização do tempo em suas vidas. Um relato coletado por Sartori *et al* (2014) demonstra o sofrimento durante a queda da Igreja Matriz:

[...] a maior perda foi o patrimônio mesmo da cidade, pois não vai ser mais igual, eu acho, sabe? Você olhava a pracinha, era uma coisa muito linda, as casas todas coloridas, agora você olha ali, já olha com sentimento. A igreja foi a maior perda, eu

acho, tinha o relógio, e, de vez em quando, a gente se pega olhando pro relógio pra ver as horas, todo o mundo olhava pro relógio pra ver a hora. Esses dias mesmo, eu olhei pra cima, não caiu a ficha direito. E era o ponto de encontro, sabe? (Entrevistado A, Zona Rural, março de 2012, grifo nosso). (SARTORI *et al*, 2014, p. 11).

Um desastre traz muitas vezes desorganizações profundas na rede simbólica coletiva e, portanto, na rede simbólica do indivíduo, principalmente nos moradores mais idosos, que são portadores da memória social do grupo (SARTORI *et al*, 2014).

No ponto de vista social e comunitário, o psicólogo na situação de emergências e desastres busca trazer de volta o sentimento de pertencimento à comunidade local. Além do luto pelos entes da comunidade, também é vivenciado o luto simbólico pelo local em que viviam e as estruturas que faziam parte importante de suas vidas. As pessoas necessitam de um amparo à saúde mental para que se construa não somente uma comunidade física, mas o sentimento de pertencer e fazer parte de uma comunidade e de uma família.

A atuação do psicólogo na esfera das emergências e dos desastres é um estudo ainda novo e que a cada dia vem se tornando essencial e eficaz, não apenas no trato dos indivíduos, mas também de toda a sociedade. Em vista disso, possibilitou uma maior reflexão sobre a importância desse profissional, que atuará diante das consequências emocionais e psicológicas que as vítimas estarão propensas a desenvolver. O acompanhamento psicológico poderá prevenir o desenvolvimento e/ou a permanência de sintomas ou psicopatologias após o desastre. Também é importante destacar o trabalho do psicólogo junto à sociedade de forma conjunta, por meio de capacitações e treinamentos que estimularão atitudes e comportamentos preventivos em vista de uma nova catástrofe. Nesse caso, o psicólogo será um agente transformador e estimulador de ideias na sociedade, a partir da perspectiva ética e política, norteada pelos direitos humanos que a psicologia se espelha (CFP, 2011).

Ribeiro propõe uma separação da situação de desastre em três momentos: pré-desastre, durante o desastre e pós-desastre (RIBEIRO; FREITAS, 2020). Cada um desses momentos traz consequências psicológicas distintas para os afetados, portanto, necessidades diferentes de atuação da psicologia.

É importante pontuar, antes de tudo, que uma das principais formas de expandir a atuação da psicologia no momento pré-desastre, ou seja, na prevenção, é pela inclusão do tema na formação universitária. De acordo com uma pesquisa realizada por Ribeiro após análise de grades curriculares de 36 universidades federais e estaduais brasileiras, apenas três instituições oferecem disciplinas que podem tratar de forma aproximada sobre a atuação do psicólogo no contexto de emergência e desastre. Todas as disciplinas são optativas (RIBEIRO; FREITAS, 2020).

O momento pré-desastre é aquele em que se encontra o menor número de publicações e informações a respeito da atuação da psicologia. Esse é justamente um dos momentos mais importantes. Como já abordado, um desastre só se torna um desastre quando excede a capacidade da comunidade de responder a um evento destrutivo. Como pontua Angela Coêlho: “O grau de desorganização social que ocorre depois dos desastres está intrinsecamente relacionado às estratégias pré-desastre da comunidade” (2011, p. 2).

As consequências de um evento destrutivo têm a ver com os recursos físicos, sociais e psicológicos de uma comunidade, bem como com o grau de vulnerabilidade em que alguns grupos se encontram, em seu dia a dia.

Portanto, uma atuação pré-desastre deve se basear nessas informações. O psicólogo pode trabalhar com ações que objetivam aumentar a capacidade de resiliência da comunidade, bem como fortalecer seus vínculos, entre si e com a rede de saúde, promover o empoderamento e incluir a população em treinos de respostas e construção de planos para situações de emergência.

Além disso, é importante trabalhar a percepção de risco da população a respeito das vulnerabilidades – algumas já tão cotidianas que nem são percebidas como vulnerabilidades. Como bem colocado por Coêlho: “o que nós fazemos para diminuir o risco depende do que nós pensamos que é ameaçador” (2011). A respeito desse último ponto, pode-se observar como exemplo a grande desorganização ocorrida durante a pandemia de coronavírus no Brasil, quando o risco e as vulnerabilidades não estavam bem definidas, fazendo com que medidas protetivas e de redução de risco não fossem bem executadas, o que pode ter agravado a situação do desastre (MOREIRA, 2021).

A percepção de risco é um fator importante na prevenção de um desastre, e envolve principalmente aspectos culturais e sociais:

Como as pessoas reconhecem o risco? Qual o critério adotado para determinar se o risco é aceitável? Por que nós temos receio com relação a determinados eventos e ignoramos outros? A avaliação do risco não pode estar dissociada das crenças, valores, julgamentos, questões sociais e econômicas. (COÊLHO, 2011, p. 3).

Trazer para a população mais informações técnicas e científicas sobre o desastre pode contribuir para uma percepção de risco maior e uma diminuição do “pensamento místico” de que um desastre tenha sido vontade de Deus ou castigo divino, por exemplo (ALVES *et al*, 2012).

Assim, a população se prepara de forma mais eficaz para eventuais desastres, pois percebe que pode ter influência sobre o acontecimento, tanto na prevenção quanto na resposta

ao desastre. Em cidades em que desastres são mais comuns e, por isso, informações sobre eles estão mais disponíveis, a comunidade tende a melhor se preparar para uma possível crise e, na ocorrência do desastre, apresentar uma mobilização mais eficiente de recursos e uma defesa civil mais bem preparada. Um exemplo é a cidade de Blumenau, no estado de Santa Catarina, que é frequentemente atingida por inundações. O município estabeleceu estratégias, por meio dos órgãos da prefeitura, para relocação da população e provisão de moradias temporárias num eventual desastre.

Além disso, os esforços da cidade podem ser percebidos pela população como uma forma de empatia, o que cria um senso de acolhimento pela comunidade, em um enfrentamento mútuo contra o desastre, fortalecendo a população (TORLAI, 2010). É dever da psicologia auxiliar no desenvolvimento de ações desse tipo nas cidades, promovendo a resiliência nos moradores.

A atuação da psicologia durante o desastre é descrita pela maioria dos autores como de dois tipos: a intervenção direta e a indireta (RIBEIRO; FREITAS, 2020). Na intervenção direta, o psicólogo trabalha com a escuta, usando principalmente como referência os primeiros cuidados psicológicos (MORENO *et. al*, 2003). Já na intervenção indireta, o profissional atua no treinamento e na capacitação de outros profissionais para o acolhimento e o manejo de pessoas em crise.

Os Conselhos Regional (CRP) e Federal (CFP) de Psicologia têm empreendido esforços para a inclusão da psicologia de uma forma mais abrangente, em sua multiplicidade de atuações, no campo da gestão de riscos, emergências e desastres. Apesar de a psicologia estar presente em políticas públicas como o SUS e o SUAS, apenas a cidade de Recife (PE) conta com psicólogos como membros efetivos das equipes de Defesa Civil (CFP, 2021).

Durante sua atuação, é importantíssimo que o profissional, antes de tudo, certifique-se de que ele e a vítima estão seguros e fora de qualquer risco que possa decorrer do desastre em questão. Manter-se em risco, numa situação de desastre, pode acabar agravando os danos que a vítima já sofreu, além de causar prejuízos à saúde do profissional (SÁ; WERLANG; PARANHOS, 2008). Após certificada a segurança dos envolvidos, deve-se fazer o possível para manter uma atitude acolhedora.

Uma crise, antes de mais nada, é uma desorganização psíquica que extrapola as capacidades de uma pessoa de usar os próprios recursos internos para lidar com a situação. Observa-se então a importância de um ambiente em que a pessoa possa se reorganizar. Horowitz (1976) postula um modelo de crise em etapas que pode ser útil para orientar o trabalho do psicólogo. Segundo ele, após a desorganização inicial, que acontece com o impacto do

desastre, o indivíduo passa pela etapa de negação, na tentativa de diminuir o abalo do evento. Ele tenta não pensar ou falar sobre o ocorrido, por exemplo. Em seguida vem a fase da intrusão, em que pensamentos, sonhos e memórias aparecem como ideias involuntárias na consciência do indivíduo. Essa etapa pode também caracterizar o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), em casos mais graves. Por fim, chega a fase de elaboração, em que a vítima começa a expressar, identificar e elaborar pensamentos e emoções intrusivos decorrentes do desastre para, então, integrá-los a sua história de vida e se reorganizar psicologicamente (HOROWITZ, 1976).

Cada pessoa vive de forma diferente as etapas desse processo. Enquanto alguns conseguem elaborar seus sentimentos sozinhos, outros só conseguirão com ajuda externa. O trabalho do psicólogo, nesse momento, é o de facilitar e possibilitar o processo, tanto individualmente quanto coletivamente, tentando acionar a parte saudável da pessoa, seus recursos internos e sociais, para que ela consiga atravessar esse momento de forma menos traumática (SÁ; WERLANG; PARANHOS, 2008). Embora o objetivo seja, de certa forma, restaurar na pessoa o equilíbrio perdido, a crise sempre traz uma mudança. Um exemplo disso é o ideograma chinês de crise, formado por duas figuras que representam “perigo” e “oportunidade” ou um “ponto de mudança” (SLAIKEU, 1996). Portanto, o objetivo principal do psicólogo, mais do que restaurar, é o de auxiliar o sujeito a criar um novo modo de funcionamento psicológico e social, diante da nova situação em que se encontra.

A atuação da psicologia em uma circunstância de crise deve ser diferente da atuação em situações normais. A vítima de um desastre encontra-se em uma situação vulnerável, em que suas defesas estão baixas. Portanto, está mais receptível à ajuda, e é nesse momento que os cuidados psicológicos podem ser de extrema importância, no sentido de diminuir, em muito, os danos psicológicos do desastre (SÁ; WERLANG; PARANHOS, 2008) – de forma análoga aos primeiros socorros após um acidente. O profissional geralmente conta com uma janela de oportunidade curta, assim como muitas vítimas, para prestar socorro. Por isso, de acordo com Moreno *et al.* (2003), ele deve se orientar para obter objetivos rápidos, ser ágil e flexível e colocar em funcionamento ações com os recursos disponíveis, sejam eles da comunidade, sejam de políticas públicas (RODRÍGUEZ *et al.*, 2003).

Apesar de existirem norteadores para a atuação em um desastre, cada caso é único e tem suas peculiaridades. Muitas vezes, em uma situação de crise, se faz o que é preciso; isso pode significar ouvir uma pessoa em luto, ou atender suas necessidades fisiológicas de água e descanso, por exemplo. É importante também que o profissional da psicologia possa fornecer informações sobre a situação da crise, o que pode ajudar a acalmar algumas pessoas e orientar suas tomadas de decisão. Uma boa comunicação é imprescindível para controlar o caos, tanto

com as vítimas quanto com a rede de saúde e os demais profissionais, como a defesa civil (RIBEIRO; FREITAS, 2020).

É importante considerar a saúde daqueles que trabalham para manejar a crise, pois os profissionais da saúde também são afetados. Em pesquisa feita por Diaz, no Brasil, a Síndrome de Burnout foi encontrada em mais de 75% dos residentes médicos de várias especialidades (DIAZ, 2007). Consequências como essa síndrome, a ansiedade e o luto são comuns nos profissionais, e a psicologia pode promover grupos terapêuticos e realizar acolhimentos, inclusive com os próprios psicólogos.

O maior número de publicações encontradas a respeito da atuação do psicólogo em gestão de riscos e desastres refere-se ao momento pós-desastre, apontando mais uma vez para uma priorização do tratamento, em contraponto com a prevenção (RIBEIRO; FREITAS, 2020). Nessa fase, o trabalho da psicologia consiste no tratamento de transtornos, principalmente o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), por meio de atendimentos individuais, em grupo ou intervenções psicossociais. O psicólogo pode participar de ações assistenciais, entre elas a distribuição de alimentos e roupas (dependendo da natureza do desastre). Nesse caso, sua intervenção tem grande importância, ao lidar com distintas questões pessoais, envolvendo crianças, idosos, mulheres grávidas e profissionais que atuaram na linha de frente, por exemplo. (RIBEIRO; FREITAS, 2020). É necessário que a psicologia também participe na elaboração e na implantação de políticas públicas, no momento de reconstrução, e no levantamento de dados junto à comunidade, a fim de criar iniciativas mais efetivas e que abordem as principais necessidades da população (RIBEIRO; FREITAS, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica, conseguimos entender melhor sobre a temática, analisando o que já foi feito e o que ainda pode e deve ser realizado. A criação de notas técnicas, como a que o CFP desenvolveu, em conjunto com o CREPOP, a realização de congressos e seminários para promover o diálogo dentro e fora da psicologia, envolvendo a Defesa Civil e profissionais de outras áreas da saúde, por exemplo, são ações que já acontecem e que auxiliam na produção de conhecimento a respeito do assunto. Com este trabalho, conseguimos compreender que a atuação na prevenção tem melhores resultados do que as ações que acontecem durante e após o desastre.

Alguns fatores, como vulnerabilidade socioeconômica, falta de informação e não comunicação entre os órgãos, as instituições civis e a população, são fortes agravantes de um desastre, sendo ele natural ou não. Para a resolução desse problema, é necessária a atuação do Estado na produção de leis e na busca por reduzir as desigualdades sociais e econômicas. Além disso, é preciso deixar para trás a antiga política de desinformação à população sobre os riscos, adotada com a suposta intenção de não gerar pânico, uma vez que é conclusivo que seu efeito pode ser contrário ao que é proposto.

A psicologia tem contribuições importantes a dar, diante desse cenário tão presente na sociedade brasileira (ainda buscamos entender e conceituar situação de risco e desastre, a exemplo da seca, definida como “desastre silencioso”). Importante chamar a atenção para o fato de ter sido encontrada uma quantidade maior de produção de artigos após o incêndio na Boate Kiss, no Rio Grande do Sul, no ano de 2013. Enquanto isso, poucas publicações foram levantadas que tratassem de desastres ocorridos mais ao norte do país, como a seca. Alguns acontecimentos nem mesmo são considerados desastres. É o caso do genocídio da população negra e indígena, que está intrinsecamente ligado a questões de racismo estrutural e gera, também, adoecimento da população atingida pela violência.

Podemos perceber ainda, com este estudo, que a prática psicológica no contexto de emergência e desastre é bem diferente do trabalho realizado em clínica. Enquanto o atendimento clínico baseia-se em vertentes psicológicas como a Teoria Cognitivo Comportamental (TCC), a Psicanálise, a Humanista, entre outras, no contexto abordado nesta pesquisa é necessário que o profissional utilize uma abordagem generalista. Trata-se da prática psicológica no âmbito do compromisso social, da defesa dos direitos humanos, do acolhimento do sujeito em adoecimento.

É notável que a psicologia tem seguido um caminho promissor no desenvolvimento do que pode ou deve ser a atuação da categoria nas emergências e nos desastres. Porém, também é perceptível que existem lacunas a serem preenchidas. A definição do que são desastres e emergências deve ser abrangida em outros contextos, como o étnico-racial, citado anteriormente. A busca pela integração da temática nas políticas públicas, a produção de notas técnicas, artigos e seminários, o incentivo à inclusão do assunto na grade curricular das universidades públicas e particulares são recursos importantes e essenciais, e se fazem ainda mais necessários para um melhor desenvolvimento da atuação do profissional de psicologia no contexto de risco, emergência e desastre.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Borghetti *et al.* A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 307-315, 2012.

BENITES, Afonso. Bolsonaro ignorou regras contra coronavírus e pode ter contaminado ao menos 76 pessoas. **El País**, 07 jul. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-07/bolsonaro-ignorou-regras-contra-coronavirus-e-pode-ter-contaminado-ao-menos-76-pessoas.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BARDI, Giovanna *et al.* Pandemia, desigualdade social e necropolítica no Brasil: reflexões a partir da terapia ocupacional social/Pandemic, social inequality and necropolitics in Brazil: reflections from social occupational therapy. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO**, v. 4, n. 3, p. 496-508, 2020.

COÊLHO, Angela Elizabeth Lapa. **A Prática da Psicologia em Emergências e Desastres: Perspectivas Sociais e Preventivas**. Paraíba: Centro Universitário de João Pessoa, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) na gestão integral de riscos, emergências e desastres**. 1. ed. Brasília: CFP, 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Textos geradores – II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres**. Brasília: CFP, 2011. 76 p.

DIAZ, Araya S. Comportamiento del síndrome de desgaste profesional en médicos que laboraron en Coopesalud R.L., de agosto a octubre de 2004. **Acta Méd Costarric**, v. 49, n. 2, p. 107-110, 2007.

FAVERO, E.; SARRIERA, J. C.; TRINDADE, M. C. O desastre na perspectiva sociológica e psicológica. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 2, p. 201-209, 2014. Doi: 10.1590/1413-737221560003.

HOROWITZ, Mardi J. Diagnosis and treatment of stress response syndromes: General principles. In: **Emergency and disaster management: A mental health sourcebook**. 1976. p. 259-69.

IBAMA. Rompimento da Barragem de Fundão: Documentos relacionados ao desastre da Samarco em Mariana/MG. **Ibama**, 13 ago. 2020. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/cites-e-comercio-exterior/cites?id=117>. Acesso em: 20 jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (PSN)**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html?=&t=resultados>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. Portal de Conteúdo Covid-19. Disponível em: <https://systems.jhu.edu/research/public-health/ncov/>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

MOREIRA, Maria Rosilene Cândido *et al.* Categorias das fake news sobre COVID-19 disseminadas no primeiro ano da pandemia no Brasil. **O mundo da Saúde**, v. 45, s/n, p. 221-232, 2021.

MORENO, R. R.; PEÑACOBIA, C. P.; GONZÁLEZ- GUTIÉRREZ, J. L.; ARDOY, J. C. **Intervención psicológica en situaciones de crisis y emergencias**. Madrid: Dykinson, 2003.

RIBEIRO, Marina Padilha; FREITAS, Joanneliese de Lucas. Atuação do psicólogo na gestão integral de riscos e desastres: uma revisão sistemática da literatura. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 1-20, 2020.

RODRÍGUEZ, Ricardo Moreno. **Intervención Psicológica en Situaciones de crisis y emergencias**. España: Publidisa, 2008.

RODRIGUES, Sabrina. Retrospectiva: Rompimento da barragem de Brumadinho foi a primeira grande tragédia ambiental do ano. **Oeco**, 16 nov. 2019. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/rompimento-da-barragem-de-brumadinho-e-a-primeira-grande-tragedia-ambiental-do-ano/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SÁ, Samantha Dubugras; WERLANG, Blanca Susana Guevara; PARANHOS, Mariana Esteves. Intervenção em crise. **Revista brasileira de terapias cognitivas**, v. 4, n. 1, p. 0-0, 2008.

SARTORI, Juliana *et al.* **As dimensões simbólicas e materiais do desastre em São Luiz do Paraitinga/SP**. 2014.

SLAIKEU, K. A. **Intervención en Crisis. Manual para práctica e investigación**. 2. ed. en Español traducida de la 2. ed. en Inglés. Santa Fé de Bogotá: Editorial El Manual Moderno, SA de CV, 1996.

TORLAI, Viviane Cristina *et al.* **A vivência do luto em situações de desastres naturais**. 2010. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION (UNDRR). **Estrategia internacional para la reducción de desastres las américas EIRD-ONU. Glosario de la Estrategia**. 2004. Disponível em: [https://www.eird.org/americas/we/docs/7817\\_UNISDRTerminologySpanish.pdf](https://www.eird.org/americas/we/docs/7817_UNISDRTerminologySpanish.pdf)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. **Atlas Brasileiro de Desastres Naturais: 1991 a 2012**. 2. ed. rev. ampl. Florianópolis: CEPED UFSC, 2013.